

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS



VOL. LIII  
MMI

Propriedade da  
UI&D-CECH

O Prof. Carlos Ascenso André (Universidade de Coimbra) concluiu os trabalhos deste primeiro dia em Évora com a apresentação do tema “André de Resende, um poeta de afectos”, explorando os reflexos da sensibilidade do humanista nos seus versos latinos.

À noite, após uma breve recepção na Câmara Municipal de Évora, os congressistas tiveram a oportunidade de assistir, no teatro Garcia de Resende, à representação de “Caminho Marítimo”, pelo Centro Dramático de Évora.

A sessão do dia 28 de Outubro teve início com a análise do Prof. José d'Encarnação (Universidade de Coimbra), intitulada “André de Resende, epigrafista”, abordando a *uexata quaestio* das inscrições romanas apócrifas.

Seguidamente, a Prof<sup>a</sup> Nair de Castro Soares (Universidade de Coimbra), conjugou no mesmo tema os dois humanistas celebrados ao longo deste Congresso: “Da Pedagogia humanista do Quatrocento à influência de Erasmo: Cataldo e Resende”.

Finalmente, teve lugar a sessão de encerramento. A Prof<sup>a</sup> Elisa Nunes Esteves apresentou as conclusões que foram seguidamente discutidas e aprovadas pelos presentes.

Após uma visita guiada às instalações quinhentistas da Universidade, os congressistas assistiram no Largo de São Mamede à inauguração do busto de André de Resende, da autoria do escultor João Cutileiro, seguindo depois para a Câmara Municipal, onde integraram a cerimónia de lançamento do livro *Algumas Obras de André de Resende vol. 1 (1531-1551)*, com introdução de M. Cadafaz de Matos e a colaboração de Walter de Sousa Medeiros e José Pereira da Costa (*Erasmii Encomium*); Miguel P. Meneses e A. Moreira de Sá (*Oratio* de Lisboa, 1534); Gabriel Paiva Domingues (*Oratio* de Coimbra, 1551); e a tradução da *oratio* do Sínodo de Évora (1534) por Miguel P. Meneses.

ANTÓNIO MANUEL R. REBELO

DO COLÉGIO ROMANO À UNIVERSIDADE GREGORIANA  
*OMNIUM NATIONUM SEMINARIUM* (ROMA, 2001)

Por ocasião do 450º aniversário do nascimento do Colégio Romano da Companhia de Jesus, onde os Jesuítas mantiveram uma das mais prestigiadas escolas que irradiou mestres para toda a Europa, a Pontifícia Universidade Gregoriana, natural herdeira daquela instituição secular, celebrou a data com a preparação de uma interessantíssima exposição a que chamou: *Omnium Nationum Seminarium: Dal Collegio Romano alla Pontificia Università Gregoriana (1551-2001)*, recentemente inaugurada, e com um Acto Académico em que intervieram o reitor da Universidade, Padre Franco Imoda, e o Padre Geral da Companhia Peter-Hans Kolvenbach.

O Pátio interior da *PUG* acolheu o material da Exposição, e a comissão organizadora dispôs artisticamente os diversos sectores em forma de estrela, de acordo com o conhecidíssimo símbolo da Companhia. O visitante pode assim percorrer visualmente as várias fases do Colégio desde os seus inícios, quando em 22 de Fevereiro de 1551 os primeiros jesuítas se instalaram numa pequena casa junto ao Capitólio, onde se podia ler a seguinte inscrição: *Scuola di Grammatica, d'Umanità e Dottrina Christiana, gratis*.

Os textos da Exposição, ao cuidado de Heinrich Pfeiffer e baseados essencialmente na obra de Riccardo G. Villoslada e de Philip Caraman<sup>1</sup>, permitem ilustrar a riqueza histórica e intelectual dos frutos daquela notável instituição, em todos os campos do saber – quer nas Letras quer nas Ciências, na Técnica e nas Artes – bem como nos mais destacados cargos civis e eclesíásticos. Ali foram, com efeito, homenageados não só os numerosos docentes do Colégio, seus principais obreiros, repartidos por um vasto leque de disciplinas, mas também os milhares de alunos que o frequentaram e que depois levaram o tesouro da sua formação a tantas partes da Europa, da América e da Ásia, uns como pregadores outros como confesores reais, missionários, fundadores e mestres de colégios, humanistas, pedagogos, dramaturgos, poetas, teólogos, matemáticos, cientistas, físicos, astrólogos e arquitectos. Ao longo dos seus 450 anos de

<sup>1</sup> Riccardo G. Villoslada, *Storia del Collegio Romano*, Roma, 1954 e Philip Caraman, *University of the Nations, the story of the Gregorian University of Rome from 1551 to Vatican II*, New York, 1981.

história, saíram do Colégio Romano 16 Papas. Estudaram na actual Universidade Gregoriana a terça parte dos Cardeais de hoje, a quarta parte do episcopado mundial e cerca de 12.000 clérigos. Actualmente a Universidade conta com 3.378 alunos de 130 países de todo o mundo. 22% são leigos e 21% são mulheres.

Feito assim o balanço da história secular daquele Colégio, não posso no entanto deixar de fazer um reparo no capítulo do Teatro, onde a acção pedagógica da Companhia deu frutos tão relevantes: o teatro jesuítico não nasceu em Roma, nem sequer no Colégio Romano. Não é correcto portanto afirmar que “com excepção de algumas tentativas no Colégio de Messina”, a actividade teatral da Companhia de Jesus “teve início exclusivamente em Roma” e que dali se estendeu até à Áustria, Alemanha, Espanha e França (como se Portugal, uma das mais antigas Assistências da Companhia, fizesse parte da Espanha). Na verdade, antes das representações das peças de Stefano Tucci entre 1570 e 1580 no Colégio Romano, Roma assistira já, em 1565 e 1566, à representação de duas *tragediae sacrae* da autoria de Miguel Venegas, um jesuíta castelhano que pertenceu à Companhia entre 1554 e 1567, e que foi chamado a ensinar em Plasença, Lisboa, Coimbra, Roma e Paris. Embora nunca tenha chegado a imprimir os seus versos, Miguel Venegas ganhou fama internacional, e hoje os seus manuscritos encontram-se dispersos em bibliotecas de vários pontos do mundo, não só na Europa – em cidades como Coimbra, Évora, Lisboa, Roma, Perúsia, Messina, Bolonha, Chantilly, Colónia, Munique e Dillingen – mas também em Nova Iorque ou no Rio de Janeiro.

Foi no entanto em Coimbra que ele produziu a parte mais considerável da sua obra dramática: a *Saul Gelboeus* e a *Tragoedia cui nomen inditum Achabus*, representadas respectivamente em 1559 e em 1562, em Coimbra, no Colégio das Artes.

O que os autores da Exposição ignoram portanto – e de um modo geral os especialistas italianos – é que no Carnaval de 1565 os estudantes do Colégio Germânico já tinham representado duas peças compostas por membros da Companhia: uma *Tragédia de Acab* e uma *Comédia de Eustáquio*. A fonte é uma carta do próprio P. Polanco (MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU, *Polanci complementa*, I, Epistola 119, p. 571). A narrativa é bastante sumária, mas contém um dado relevante: em 1565 representou-se no Colégio Germânico uma *Tragédia de Acab* composta por um jesuíta, juntamente com uma *Comédia de Eustáquio*. Assistiram numerosos prelados e alguns cardeais que pediram *bis*. A representação repetiu-se várias vezes para satisfazer os pedidos vindos daqueles que não tinham podido assistir.

Ora, é precisamente a *Achabus* de Venegas que se encontra ao lado das obras de Stefano Tucci, de Bernardino Stefonio e de Francesco Benci, nos Manuscritos que reúnem as mais antigas realizações dramáticas de Roma.

Se dúvidas houvesse, aliás, elas dissipar-se-iam com a leitura do Ms I42 do Fundo Jesuítico da Biblioteca Nacional de Roma, onde se encontra, com efeito, a *Achabus* de Venegas ao lado de uma comédia de Eustáquio anónima e sem data.

Com a *Tragédia de Acab*, que havia sido composta e representada em Coimbra em 1562, Miguel Venegas inaugurou portanto o género trágico sacro não só em Itália como, afinal, no próprio universo escolar da Companhia, dando mesmo origem ao início de um ciclo trágico.

MARGARIDA MIRANDA